

## CIDADANIA E REPRESENTAÇÃO: HISTÓRIAS DE UM FINAL DE MILÊNIO

ANTONIO PAULO REZENDE\*

**Resumo:** O nosso texto analisa os sinais básicos que acompanham a crise atual nesse final de milênio. Buscamos a multiplicidade, um texto de natureza interdisciplinar que transite por áreas do conhecimento que fazem fronteiras com a História. Essa linguagem quebra certas posturas acadêmicas e incorpora toda uma problemática ligada à produção cultural da nossa época. Analisamos as dificuldades da construção da identidade e de que maneira isso afeta a cidadania e cria espaços para uma diversidade de representações culturais, construindo um imaginário complexo, marcado pela presença quase totalitária da mídia.

### O cenário

Todos estamos muito próximos neste mundo da globalização. Tão próximos que, às vezes, nos confundimos. É o mundo de uma massificação acelerada, de uma perda constante de identidades. Tudo parece ter pressa. Há uma velocidade que penetra todos os corpos. Os corações e as mentes viajam num vaivém no limite do suportável. Assim caminha a humanidade ou melhor corre a humanidade nesse “fin de siècle”, como se estivesse ouvindo os anúncios de um juízo final em contraposição aos anúncios exultantes da vitória definitiva do capitalismo. A idéia de crise toma conta das análises, como se fosse o caminho para elucidar tantas dificuldades.

Não é à-toa que existem os inúmeros profetas do apocalipse e até mesmo uma literatura especializada em captar sinais, em dialogar com seres celestiais, mas também há uma verdadeira obsessão pelo novo ou pela novidade. As coisas envelhecem no fechar de olhos. A sociedade parece ouvir e viver os ecos dos textos sobre a modernidade de Baudelaire. Estamos no reino do transitório, do efêmero, embora não possamos viver sem representações da eternidade. O sagrado e o profano sofreram metamorfoses, modernizaram-se.

É difícil guardar as formas e os nomes das coisas, na velocidade cruel que assombra os mais pacientes. O fetiche da mercadoria confunde-se com o poder da cidadania. O criador e as criaturas misturam-se. O mundo renova-se, porém é um exagero pensar que os fins dos tempos se aproximam. Não será uma fantasia de um apocalipse programado na sociedade do espetáculo, da estetização e do planejamento? Não é por acaso que grupos de pessoas já planejam a grande celebração da chegada do ano 2.000, desprezando os maus augúrios.

A crise faz parte da história. Os romanos não visualizavam o final do seu império. Roma era a cidade eterna, protegida pelos deuses. A sua decadência foi tema de reflexões de Santo Agostinho. Roma terminou sendo invadida pelos “bárbaros” e, nem por isso, a história se acabou. As dificuldades marcaram e marcam o desenhar das relações sociais. A cultura não é resultado do acaso, mas de uma luta constante, cotidiana que faz do homem um animal audacioso e, ao mesmo tempo, angustiado. Negar o conflito, as contradições, é negar as múltiplas e as complexas dimensões do fazer humano. O território da cultura é o território da história, não há como querer dissociá-los. Parece que a idéia de uma sociedade harmoniosa, sem dissonâncias sofreu abalos nas suas raízes. Muitas das utopias modernas pertencem ao passado, são consideradas ingênuas por acreditarem na superação das desigualdades e das diferenças.

As conclusões de Pierre Clastres sobre as relações de poder na sociedade primitiva devem, contudo, ser consideradas. Para Clastres “o exemplo das sociedades primitivas nos ensina que a divisão não é inerente ao ser social; que, em outros termos, o Estado não é eterno, que existe, aqui e ali, uma data de nascimento”<sup>1</sup>. Além disso, afirma o autor que “está fora de dúvida que unicamente a interrogação atenta ao funcionamento das sociedades primitivas permitirá esclarecer o problema das origens” e “talvez a luz assim lançada sobre o momento do nascimento do Estado iluminará igualmente as condições de possibilidade (realizáveis ou não) de sua morte”<sup>2</sup>. Fala-se de uma sociedade que, segundo Clastres, possui os meios de exorcizar o espectro da divisão social.

A globalização significa a vitória de um modelo de sociedade onde o capitalismo ganha uma força incomensurável e atuação do Estado vem se redefinindo e sendo, insistentemente, criticada. Não se trata, porém, do fim da divisão social. As expectativas são confusas e as tensões são inúmeras. É a sociedade da plenitude do valor de troca e do utilitarismo, da cultura da competição, repleta de ritos de passagem e de uma grande complexidade. Parece que todas as portas se abriram diante do avanço do mundo das

mercadorias e do discurso competente. A ditadura da informatização invade todos os territórios de uma maneira avassaladora. É um novo processo de alfabetização tecnológico que nos intimida e nos envolve sem cerimônia. Signos e significados são inventados para dar conta das tantas alternativas e mudanças. Há uma fragilização do indivíduo, embora haja um crescimento sem igual do narcisismo. O cerco das imagens nos obriga a viver um mundo de seduções e encantamentos constantes, onde a magia ainda não foi sepultada, onde os mitos continuam se renovando, apesar das nostalgias iluministas. Razão e mito não são tão incompatíveis.

### **As identidades vadias**

As identidades se constroem no mundo da acumulação, não só de bens materiais. Acumulam-se também conhecimentos, símbolos, linguagens... É o mundo dos grupelhos (Guattari), das fragmentações (Lyotard) e das maiorias silenciosas (Baudrillard). Luta-se, contudo, para se firmar identidades, para se criar diferenças, para se fugir da mesmice. É uma luta muitas vezes inglória, porém que não poder ser desprezada. Por mais massacrante que seja a globalização ela não conseguirá unificar todos os desejos, apesar de suas tendências fascistóides. As suas tatuagens são invisíveis como as cidades de Marco Polo, na grande parábola de Ítalo Calvino, mas nem por isso elas não podem ser conhecidas. Existe uma história produzida nos subterrâneos tão importante quanto à que todos conseguem visualizar.

Há sempre um espaço para se fugir das estruturas de dominação hegemônicas. Os totalitarismos políticos tentaram esmagar a individualidade. Por algum tempo, pensaram conseguir ser vitoriosos. As suas vitórias foram cruéis, mas não se eternizaram, como demonstra com muita lucidez Hannah Arendt em suas belas reflexões. O caminho da história não poder ser único, embora tenha a arquitetura de um labirinto como destacam Nietzsche, Jorge Luís Borges, Paul Veyne ... Não se pode, no entanto, acreditar num mundo de harmonias perenes. A construção da história tem a dimensão da ambigüidade, do conflito, da busca de um equilíbrio que nunca consegue se realizar.

A instabilidade é uma marca da cultura como bem assinala Freud, no instigante texto "O Mal-estar da Cultura". Freud coloca questões polêmicas como destaca Marcuse: "E porque é que então é imperativa a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade para o desenvolvimento da cultura? Que é afinal o princípio de realidade como princípio do progresso?"<sup>33</sup>. O homem

é, na verdade, um eterno Prometeu. Vive de desafios, mas a possibilidade de transgressão não se dá a cada instante. A existência da cultura pressupõe a existência de uma ordem, da consagração de algo instituído que o instituinte critica e ameaça. Esse é o grande jogo, com suas regras inevitáveis, mas com a possibilidade de surpresas, de resultados inesperados. Segundo Castoriadis, “o homem só existe na e pela sociedade e a sociedade é sempre histórica”<sup>4</sup>.

Nossos tempos estão sendo vividos em cenários de grande instabilidade. Daí as ansiedades que povoam o imaginário social. Perdemos referenciais importantes, porque durante muito tempo maldizemos as tradições, de maneira radical, em nome da modernidade. Hoje, como fantasmas, nem percebemos que a modernidade era uma projeto civilizatório de grande complexidade e inúmeras contradições, onde a idéia de cidadania tinha relevância, pois significava autonomia política. Teimamos em usar máscaras antigas, com o intuito de fixarmos uma identidade qualquer ou uma idéia qualquer de permanência. O linear ainda sobrevive para definir temporalidades. Falar em pós-modernidade é uma ameaça, no mínimo um modismo, uma falta de assunto, esquecendo seus opositores que “é a instituição da sociedade que determina o que é e o que não é “real”, o que “tem um sentido” e o que é desprovido dele”<sup>5</sup>.

### **O imediato em cartaz**

Os tempos são outros. Somos passageiros de uma época enredada na “presentificação” de tudo. Estamos espremidos entre o passado e o futuro e comemoramos o virtual, descuidando-nos das utopias. “O homem é uma metáfora de si mesmo” como afirma o grande Octávio Paz. Resta saber que metáfora nos restou e que nome poderemos dar ao nosso tempo. Sem isso, toda identidade nos será estranha, navegaremos precariamente nos mares da globalização. Felix Guattari afirmou décadas atrás que “o capitalismo pode sempre dar um jeito nas coisas, retocá-las aqui e ali, mas no conjunto e no essencial tudo vai cada vez pior”<sup>6</sup>.

Como Cristóvão Colombo viveremos da ilusão que descobrimos a Índia, quando estamos na América ou num mundo que se propõe a ser uma criatura feita a imagem e semelhança da América. Numa América que não é mais o novo mundo, mas a própria síntese do mundo. O nosso espelho poderá ser Bill Gates, Madona, Ronaldinho, FHC, Share Stone, O Rei do Gado, Tiririca, Chico Science pois o show precisa continuar como no filme de Bob Fosse, “All that jazz”/1979, mesmo que signifique a morte de seu principal protagonista. Já se

foram os tempos das tragédias edípicas. Queremos brevidades, a descomplicação de aventuras e anti-heróis como o Coringa e o Pinguim: inteligentes e criativos, mas esteticamente derrotados pela natureza. Basta registrar o comportamento vacilante de Batman diante do charme sedutor da Mulher Gato. Quem será mesmo o vencedor se a aventura “hollywoodiana” parece não ter fim? Quem duvida que a indústria cinematográfica americana consagrou um modo de ser cultural nos nossos inconscientes?

Freud explica? Não se sabe. O questão fundamental mudou e não é mais a que a Esfinge formulou, nem tampouco o “ser ou não ser” de Shakespeare. Agora, o “hard” e o “soft” convivem na máquina pensante, altar-mor das nossas bibliotecas ou “lugares de produção”, ajudando na construção das linguagens, na decifração dos imaginários, na fabricação dos disfarces. Somos micreiros, conversamos com o mundo, mergulhamos numa sofisticada solidão que não é a mais a do banco da praça, a do escurinho do cinema, a das viagens intermináveis dos LSDs e dos disputados bororós da época do movimento hippie, a das luzes psicodélicas das boates, a do porre tomado na espera de um amor mal resolvido, a do divã brega do atento psicanalista, a do plim-plim da televisão.

É uma solidão que fala para o mundo, segundo os antigos locutores da Rádio Jornal do Comércio do Recife. No novo, porém, o velho bem-me-quer, mal-me-quer, a lembrança dos versos do poeta Vinícius que dizem que “a vida é arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”, as afetividades descontínuas e empobrecidas buscando amparo nas vitrines e nas praças de alimentação dos “shoppings centers” da vida.

Não se deve esquecer que os “shoppings centers”, segundo Wilson Ribeiro dos Santos Júnior, “produziram-se, no cenário urbano brasileiro, como símbolos onipresentes de poder. Erigem-se como representação de um novo tempo social, voltados para a criação de um universo de fantasia dirigido para o consumo”. Além disso, “sua concepção buscar recriar, na essência, um centro urbano idealizado e atemporal: aquele que concentraria várias opções de consumo, tornando-se um ponto de referência da cidade tradicional e consagrando-se como um ponto de encontro, local de reunião”<sup>7</sup>.

### **O aleatório e as raízes**

Talvez o enigmático poema “Cerâmica” de Carlos Drummond encerre o sentido do mundo e do nosso texto, lance luzes sobre as infinitas complexidades que nos cercam:

**“Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.**

**Sem uso, ela nos espia do aparador”<sup>8</sup>**

Ou quem sabe uma história chinesa transcrita por Ítalo Calvino no livro “Seis Propostas para o Próximo Milênio”:

**“Entre as múltiplas virtudes de Chuang-Tsê estava a habilidade para desenhar. O rei pediu-lhe que desenhasse um caranguejo . Chuang Tsê disse que para fazê-lo precisaria de cinco anos e uma casa com doze empregados. Passados cinco anos, não havia sequer começado o desenho. “Preciso de outros cinco anos”, disse Chuang-Tsê. O rei concordou. Ao completar-se o décimo ano, Chuang-Tsê pegou o pincel e num instante, com um único gesto, desenhou um caranguejo, o mais perfeito caranguejo que jamais se viu”<sup>9</sup>.**

O nosso olhar sobre o mundo terá sempre descontinuidade? Como bem coloca Calvino, os contrários convivem e alimentam nosso ser e estar no mundo. A descontinuidade traz dentro de si a continuidade, o desencanto não existe sem o encanto, a complexidade sem a simplicidade, se imaginamos uma rápida leitura que tenta resolver dilemas. Mas o melhor é compreendermos que a cultura com seus imaginários, saberes, símbolos, materialidades, representações, identidades, é uma abertura para o infinito, territórios de divagações, de cartografias que nunca conseguiram perceber até onde se configuram os espaços do invisível, mas que são indispensáveis para inventarmos um sentido para as coisas. Se ele realmente existe já é uma outra questão de difícil resposta. É como encontrarmos Bill Gates num dos bancos da praça de Casa Forte curtindo o fracasso do seu “Windons-2.000”, tendo como fundo musical os cantos dos obstinados evangélicos, numa bela tarde de domingo, onde a luz do sol consegue realçar todas as cores.

Perplexos não falamos mais, atualmente, de milagres, mas de virtualidades. Tudo parece ter a possibilidade do vir-a-ser. O que não importa é a duração, nem tampouco a distância. É o mundo das representações infinitas, aparentemente descontroladas. Por isso, alguns lamentam a perda dos paradigmas, a fragmentação do mundo, a fragilidade dos conceitos. Talvez, bastasse lembrar um pouco Nietzsche, para dar sossego às inquietações, ao afirmar que “só o que não tem história é definível”. Assim, poderíamos assumir o transitório, a precariedade dos saberes. Não faltam exemplos. Breton e Éluard n’A Imaculada Conceção aconselham: “Escreve o imperecível na areia”. Ou ainda: “Deixa a madrugada aumentar a ferrugem dos teus sonhos”<sup>10</sup>.

Conviver com uma perplexidade cotidiana que invade o mundo grávido de incertezas multiplica as nossas ansiedades. Estamos como o público que assistiu,

em 1913, pela primeira vez, a Sagração da Primavera de Stravinsky . O barulho que ele fazia era tão grande que pouco se ouvia da música. Extasiado, o público chocava-se com a coreografia inusitada do balé. O novo o deixava sem rumo, havia algo de profético na obra do compositor que era difícil compreender. Restava murmurar, criticar, tecer solidariedades ou fobias estéticas. Depois, aconteceu a sagração da violência: a 1ª guerra mundial, o nazi-fascismo, as crueldades do stalinismo, a 2ª guerra mundial, os conflitos no Oriente Médio, as lutas no Vietnã, as atrocidades das ditaduras latino-americanas, as fomes e as epidemias na África.

Mas é preciso finalizar a vida, a arte, o texto, o olhar. É preciso trabalhar o silêncio, ser econômico com as palavras, ler também as escrituras do corpo e do coração. Como afirma Sérgio Buarque de Holanda, de maneira surrealista, no seu polêmico *Raízes do Brasil* “só à noite enxergamos claro”. Seres transitórios e complexos, somos esfinges de nós mesmos. Reflitamos ou deixemos nos seduzir, provisoriamente, por outro conselho de Breton e Éluard<sup>11</sup> :

**“Considerando que a natureza mortal das coisas não te confere em poder excepcional de duração, pedura-te pela raiz”.**

## **O final de milênio**

Nas histórias do final de milênio o lugar da cidadania precisa de uma radical redefinição. Onde está a raiz? O modelo que serviu de referência tornou-se obsoleto. Cidadania e modernidade têm estreitas relações históricas. A construção da cidadania nos traz lembranças da experiência grega, da convivência de práticas democráticas com a escravidão. A sociedade moderna incorporou princípios democráticos vindos da antiguidade clássica, mas com outros olhares e expectativas. As releituras continuam ocorrendo, surgem outras interpretações, mas parece que os escritos de Maquiavel não perderam sua atualidade, apesar da velocidade das mudanças. A relação dos homens com o poder continua tendo seus mistérios. Nietzsche foi categórico quando afirmou que “a vida mesma é vontade de poder”<sup>12</sup>.

Apesar das turbulências, não vivemos o fim da política, embora se consagre o descartável e o imediato. É que as reflexões sobre a política devem tomar o cotidiano como ponto de partida. Talvez, aí, estejam a nossa raiz e o nosso espelho ou a representação mais próxima de nós mesmos. O problema central da política não mudou no seu fundamento: criar condições para que a sociedade não se desmorone e não perca de vista seus alicerces. Sem a construção da

autonomia, base dos projetos da modernidade, os homens e as mulheres parecem viver uma história que eles não inventaram, que tem uma transcendência inexplicável. E nós que maldizemos as escatologias, sentimos uma sensação estranha de estarmos sem destino e sem identidade no vasto mundo que criamos. No entender de Castoriadis, “o projeto de autonomia, por certo não está encerrado, nem terminado. Mas sua trajetória durante os dois últimos séculos provou a inadequação radical (para falar comedidamente), os programas onde o capitalismo se encarnara- quer seja a república liberal, quer seja o “socialismo” marxista-lenista”. Essa inadequação trouxe apatia política. Acrescenta Castoriadis que “para o ressurgimento do projeto de autonomia, novas atitudes humanas e novos objetivos políticos são exigidos, cujo sinais por enquanto são raros”. Discorda, porém, com a tese de Habermas (“a modernidade como projeto inacabado”) e da idéia de que já vivemos uma pós-modernidade. Conclui que “seria absurdo tentar decidir se estamos vivendo um longo parêntese, ou assistindo ao começo do fim da história ocidental enquanto história essencialmente ligada ao projeto de autonomia e co-determinada por esse mesmo projeto”<sup>13</sup>.

Se Castoriadis se recusa a discutir a existência de uma pós-modernidade e de um pós-modernismo, como tanto outros autores, o mesmo não ocorre com o marxista Fredric Jameson. Afirma Jameson que “o pós-modernismo é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre”. Considera que “o pós-moderno deve ser visto como a produção de pessoas pós-modernas, capazes de funcionar em um mundo sócio-econômico muito peculiar, um mundo cujas estruturas, características e demandas objetivas-se dispuséssemos de uma exposição adequada delas - constituiriam a situação para qual o “pós-modernismo” é a resposta e nos dariam algo mais decisivo do que uma mera teoria do pós-modernismo”<sup>14</sup>. Duas questões importantes a partir das colocações de Jameson: onde o processo de modernização se completou e quem seriam os cidadãos pós-modernos?

Não se pode negar que vivemos tempos de uma complexidade cultural que difere da época do modernismo. Os quadros de Picasso que revolucionaram a pintura, no auge do movimento modernista, tornaram-se clássicos. A sua linguagem que agredia e causava perplexidades, transformou-se num fetiche, numa mercadoria com alto valor de troca. Cultura e política têm ligações estreitas, não são campos de atuação distantes. Os objetos da cultura entraram na lógica do mercado capitalista, como toda produção intelectual. Uma das condições básicas para se firmar a cidadania é o acesso à informação e a possibilidade de aprofundar os conhecimentos sobre o mundo e a sociedade. O

papel da mídia amplia-se cotidianamente. As discussões sobre cultura popular X cultura erudita e a existência de uma identidade nacional parecem pertencer a um passado remoto.

No jornal A Folha de São Paulo, 17/1/97, uma matéria na Ilustrada mostra a quebra de fronteiras. O compositor americano Michael Daughtety, professor da Universidade de Michigan, fala dos seus trabalhos inspirados em Elvis Presley, Super-Homem e de uma ópera onde Jackie O. (a ex-Kennedy), Onassis e Maria Callas são personagens centrais. A quebra das referências ou a mistura das referências estão presentes na produção cultural mais recente. A arte não imita a vida, como se afirmava antes, mas ela é a própria vida.

Recorramos às imagens, consideradas de uma estética pós-moderna, do filme Blade Runner, 1982, de Ridley Scott, para trilhar outras dimensões que, também, estão presentes na construção do imaginário social contemporâneo: as projeções da ficção científica que possuem um território significativo na indústria cinematográfica das últimas décadas. O filme na sua densidade “noir” é de uma beleza e de uma problemática que nos deixam extáticos. Nele, talvez estejam esboçados fortes traços de nossa história futura. Uma sociedade hierarquizada, sufocada pela tecnologia, onde homens e andróides buscam os espaços privilegiados. Quem são os cidadãos num mundo que segrega e constrói paraísos extraterrenos? A conquista da cidadania é, apenas, mais uma utopia da modernidade, triturada pelo pragmatismo do mito do desenvolvimento econômico ou passa por ritos hierarquizantes?

A reflexão final do último andróide exterminado, em Blade Runner, pode ser a síntese da enigmática trama histórica que nos envolve: é nossa temporalidade fugidia e misteriosa que nos faz construir representações de plenitude e de felicidade e arquitetar sentidos para as nossas vidas. Talvez, seja esse o cerne da invenção e existência de tantos saberes, de tantas perplexidades, não esquecendo que há algo de lúdico que nos ajuda a olhá-los, também, como um imenso quebra-cabeça impossível de ser concluído. Não seriam as impossibilidades que mexem com os nossos desejos e nos impulsionam para a produção da história?

Tudo isso nos inquieta e nos seduz. O real se perde na fantasia e a fantasia no real. A tarefa maior da reflexão é saber os limites do seu território, mas se não é possível ultrapassá-los, ela se torna um espelho que fixa as mesmas imagens. Se assim fosse, a história e a cultura jamais teriam se multiplicado. É a abertura que existe na história para o inesperado que faz permanecer a possibilidade da utopia. É um grande niilismo, portanto, dizer que o sonho acabou, uma representação negativa que peca por se prender ao imediato. Não cabe ao

historiador, apenas, ser testemunha do seu tempo. As travessias da história não se encerram num discurso que pretende subverter o real. Os prisioneiros da história terminaram por serem os demiurgos dos fins tempos. Inútil profecia.

Abstract: This text seeks to analyze basic signs that accompany the present crisis of a millenium`s end. Multiplicity is our aim, this text of interdisciplinary nature, embraces sciences that have common boundaries with History. Such language goes against certain academic postures and deals with themes that are linked with contemporary cultural production. We try and examine whether difficulties arise in the construction of identity and how they affect citizenship as well as make room for great diversity of cultural representations, building a complex set of ideas almost totally marked by media`s totalitarian presence.

NOTAS:

- \* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.
- <sup>1</sup> CLASTRES, Pierre. A Questão do Poder nas Sociedades Primitivas. In: A Arqueologia da Violência. São Paulo. Brasiliense. 1982. pág. 110
- <sup>2</sup> idem, ibidem, pág.111
- <sup>3</sup> MARCUSE. H. A Idéia de Progresso à luz da Psicanálise. In Psicanálise e Política, 2ª ed.. Lisboa, Moraes Editores, 1980, pág. 53 )
- <sup>4</sup> CASTORIADIS, Cornelius. O Imaginário: a criação nos domínio do social histórico. In: As Encruzilhadas do Labirinto II, Paz e Terra, 1987, p.228).
- <sup>5</sup> Idem, Ibidem, pág. 232 ).
- <sup>6</sup> GUATTARI, Felix. Somos todos grupelhos. In A Revolução Molecular, 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985, pag. 14)
- <sup>7</sup> SANTOS JÚNIOR, Wilson Ribeiro. Shopping Center: uma imagem de espelhos” In: Shopping Center: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras, São Paulo, Unesp,1992,pág. 63)
- <sup>8</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Antologia Poética, 5ª ed., Rio de Janeiro, Sabiá,pág.228)
- <sup>9</sup> CALVINO, Ítalo. Seis Propostas para o Próximo Milênio. São Paulo, Cia. das Letras, 1990: pág.66
- <sup>10</sup> BRETON, André & ÉLUARD, Paul. A Imaculada Concepção. Lisboa, Estúdios Cor, s/ d, pp. 99/102
- <sup>11</sup> Idem,ibidem,pág.104
- <sup>12</sup> NIETZSCHE, F. Aforismos. Barcelona. Teorema. 1985. pág. 95)
- <sup>13</sup> CARTORIADIS, Cornelius. A Época do Conformismo Generalizado. In: O Mundo Fragmentado: As encruzilhas do labirinto III. Rio de Janeiro. Paz e Terra.1992. pág. 26.
- <sup>14</sup> JAMESON, Fredric. Pós-modernismo. São Paulo. Ática. 1996. págs. 13 e 18.